

## O PESO DAS ESCOLHAS HUMANAS: A DOCTRINA DO LIVRE ARBÍTRIO NA FICÇÃO DE C. S. LEWIS ANTES DE *NÁRNIA*<sup>1\*</sup>

Flaviano Nogueira Siedeliske<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo apresenta uma análise teológico-literária das obras *O Regresso do Peregrino* (1933), *Cartas de um Diabo a seu Aprendiz* (1942) e *O Grande Divórcio* (1945), de C. S. Lewis, a partir da doutrina do Livre Arbítrio. O objetivo do trabalho é analisar como a questão da vontade livre do homem aparece nas três obras mencionadas acima, bem como em textos teológicos do próprio Lewis e de autores com os quais ele dialoga, como Agostinho de Hipona (354-430), George MacDonald (1824-1905) e G. K. Chesterton (1874-1936). A partir de tal estudo, pôde-se concluir que o C. S. Lewis: 1) possuía a crença no Livre Arbítrio do ser humano; 2) acredita que tal doutrina explica a existência do Inferno e do Mal no mundo; e 3) transferiu parte de sua crença aos personagens e enredos das obras ficcionais analisadas.

**Palavras-chave:** C. S. Lewis. Livre Arbítrio. Teologia. Literatura.

### INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma análise de três obras literárias de C. S. Lewis escritas no período entre sua conversão, no ano de 1931, até a publicação de *As Crônicas de Nárnia*, em 1950: *O Regresso do Peregrino* (1933), *Cartas de um Diabo a seu Aprendiz* (1942) e *O Grande Divórcio* (1945). A análise é de caráter teológico-literária e se dará a partir da temática do Livre Arbítrio.

Escolheu-se este tema por três motivos distintos: 1) os estudos sobre a relação entre teologia e literatura estão crescendo no Brasil, e este trabalho busca contribuir com

---

<sup>1\*</sup> Este artigo é parte do projeto de mestrado “Mais real que a realidade: a eternidade (Céu, Inferno e Purgatório) para C. S. Lewis antes de Nárnia”, em desenvolvimento na Universidade Federal do Paraná e com data pretendida para defesa em fevereiro de 2025.

<sup>2</sup> Mestrando em Literatura na área de Literatura e outras linguagens - Universidade Federal do Paraná (2023 - atual), em que é Bolsista CAPES/PROEX. Possui pós-graduação em Teologia e Interpretação Bíblica - Faculdade Batista do Paraná (2018). Graduação em Letras - Português e Inglês - Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba (2016). cursando Teologia pela Faculdade Batista do Paraná. E-mail: flavianosiedeliske@gmail.com.

tais estudos; 2) C. S. Lewis é reconhecido como o autor de *As Crônicas de Nárnia* e, em especial pelo público cristão, *Cristianismo puro e simples* (1952); todavia, o autor possui diversas obras ficcionais e teológicas que surgiram antes das mencionadas acima, as quais necessitam de maior atenção da academia; e 3) o autor era defensor da “Doutrina do Livre Arbítrio”, e a exposição de seu pensamento contribuirá para estudos na área teológica também.

Para realizar esta análise, será realizada uma pesquisa bibliográfica das três obras em questão, além de outros textos teológicos do próprio Lewis no período de recorte proposto. Por fim, buscar-se-á realizar a pesquisa e leitura de autores que pertencem ao arcaibouço literário-teológico do autor, para que se possa ser estabelecido um diálogo sobre o tema. A partir da pesquisa, será possível demonstrar como Lewis acreditava na doutrina do Livre Arbítrio e como a referenciou nas obras ficcionais analisadas, bem como em outros materiais teológicos.

Por fim, antes de iniciar a análise, far-se-á necessário esclarecer que este trabalho não deseja realizar uma explanação detalhada a respeito da Doutrina do Livre Arbítrio. Não serão abordadas as questões históricas ou definições teológicas do tema. Para tal, a definição que o próprio C. S. Lewis oferece em sua obra *Milagres* (1947) será suficiente: “os seres humanos têm o poder da ação independente, o poder de fazer algo mais ou diferente daquilo em que estava envolvido pela série total de acontecimentos” (2021b, p. 17). Assim, o pressuposto desta análise é que Lewis cria no Livre Arbítrio como sendo a vontade livre dos homens, concedida por Deus, e que os proporciona lidar verdadeiramente com as consequências de suas escolhas e ações.

## **1. 1. O LIVRE ARBÍTRIO NA FICÇÃO DE LEWIS**

A primeira das obras analisadas neste artigo é *The Pilgrim's Regress* [O Regresso do Peregrino], publicada em 1932 e escrita num período de apenas duas semanas (PIPER, 2017, p. 27), em homenagem ao seu amigo Arthur Greeves (LEWIS, 2022, p. 7). Este é o primeiro romance de C. S. Lewis, e também um dos menos populares, principalmente devido sua linguagem rebuscada e inúmeras referências que deixam a obra complexa e opaca ao leitor comum (MCGRATH, 2013, p. 188; JASPER, 2015, p. 284; RANGEL

JUNIOR, 2020, p. 80).

O narrador da obra, uma projeção do próprio Lewis, conta um sonho que teve com um garoto chamado João. Em tal sonho, o menino, morador do Reino de Puritânia (LEWIS, 2022, p. 31), chega à idade de apresentar-se diante da figura do Mordomo, um dos servos do Proprietário, que entrega uma lista de regras para o garoto cumprir: “Aqui está uma lista de todas as coisas que o Proprietário diz que você não deve fazer. É bom dar uma olhada nela” (p. 33).<sup>3</sup> O Proprietário, essa temida figura, é o governante do Reino de Puritânia, mas ninguém nunca o viu pessoalmente, é uma das poucas coisas conhecidas sobre ele é que ele mora num castelo nas montanhas: “bem acima deles, novamente ficavam as montanhas mais altas, e no topo de toda essa vastidão havia uma montanha tão grande e negra que João tinha medo dela. Ele foi informado que o castelo do Proprietário ficava lá” (p. 41).

Caso o garoto não cumpra as regras que lhe foram entregues, será castigado e enviado para o Buraco Negro (LEWIS, 2022, p. 34), a representação do Inferno na obra. Todavia, logo ele percebe ser impossível cumprir todas as regras, e o medo e ansiedade começam a dominá-lo. Mas, após alguns dias de agonia, João recebe a visão do que acredita ser uma Ilha, que logo começa a desejar (p. 38). Este é o estopim para o verdadeiro início da aventura, pois João sai em uma peregrinação, em parte para correr atrás de sua tão desejada Ilha, e em parte para fugir do Proprietário e suas regras (p. 50).

Após o encontro com várias figuras interessantes e várias reviravoltas na história, João encontra a tal Ilha que tornou-se objeto de seu desejo (Lewis, 2022, p. 276). Mas, ao chegar lá, percebe algo que muda completamente sua visão do mundo e da realidade: a Ilha que tanto buscava era, na verdade, a parte de trás do castelo do Proprietário (p. 279). Ao entender sua situação, João percebe que aquele a quem tanto temia era, na realidade, quem mais desejava encontrar. Então, nos últimos capítulos do romance, João realiza seu regresso pelos lugares onde já havia passado, mas agora ele “pela primeira vez vê a verdadeira forma do mundo em que vivemos – como caminhamos no fio da

---

<sup>3</sup> Aqui é possível notar uma clara referência à entrega da Lei ao povo de Israel (Êx 20.1-21). Neste caso, vale ressaltar que a Lei não se tratava apenas dos Dez Mandamentos, mas sim de toda a Aliança que Deus faz com o povo de Israel. Paulo e Tiago, autores do Novo Testamento, demonstraram a condenação que há na Lei (Rm 3.9-20; Tg 2.10). A correlação entre João, a personagem de Lewis, e Moisés, Paulo e Tiago está no fato de que foi-lhes entregue uma lista com diversas regras impossíveis de serem cumpridas, e, graças a isso, temiam quebrar a aliança em que estavam envolvidos e cair em condenação.

navalha entre o céu e o inferno” (p. 283).

Quanto à questão do Livre Arbítrio em *O Regresso do Peregrino*, a referência a esta doutrina ocorre nos capítulos em que João realiza seu regresso. O garoto percebe que, mesmo com essa nova maneira de enxergar as coisas, o Buraco Negro, ou seja, o Inferno, continua existindo, e então ele desenvolve, novamente, dúvidas sobre a bondade do Proprietário. Seu guia no retorno, chamado de Petersen, Olhos de Amolar, afirma que “nesses últimos dias não há acusação contra o Proprietário que o Inimigo lance com tanta frequência quanto a crueldade” (LEWIS, 2022, p. 291).<sup>4</sup> Então, Petersen demonstra que a existência do Inferno pode ser explicada graças ao Livre Arbítrio, pois o Proprietário escolheu “trabalhar a terra com arrendatários livres e não com escravos” (p. 291). Estes trabalhadores livres poderiam visitar “lugares proibidos” e comer “frutos proibidos” (p. 292), afastando-se da vontade do Proprietário. Assim, quando eles se afastassem demais da sua vontade, até o ponto onde se torna impossível o retorno, seu destino seria o Buraco Negro (p. 292). Então, na primeira das obras analisadas, o Livre Arbítrio existe como forma de explicar a condenação das almas ao Inferno.

Enquanto Lewis encontrou problemas com sua linguagem e conteúdo em sua primeira obra, quando ele escreveu *The Screwtape Letters* [Cartas de um diabo a seu aprendiz] (1942), essa já é uma questão superada. Este é o livro que “consolidou a reputação de Lewis como teólogo cristão popular” (MCGRATH, 2013, p. 233), pois trata-se de uma prosa cativante, espirituosa e envolvente, sendo um dos trabalhos de aconselhamento espiritual mais originais já escritos (2014).

A obra não segue uma narrativa linear, mas trata-se de trinta e uma cartas escritas por um demônio de alta patente, Maldonado, para seu sobrinho iniciante, Vermelindo. Esta sátira aborda diversos temas morais, sociais e espirituais, como igreja, família, oração e relacionamentos. E, é claro, também dá pinceladas na doutrina do Livre Arbítrio. Em determinado momento da obra, Vermelindo está preocupado com o fato de seu paciente, o humano a quem está tentando, estar frequentando uma igreja. Entretanto, Maldonado o conforta afirmando que “centenas desses novos convertidos adultos foram

---

<sup>4</sup> Retornando ao mesmo problema alguns anos depois, Lewis, em *The Problem of Pain* [O problema da dor] (1940), volta a afirmar que a existência do Inferno “é um dos principais motivos pelos quais o cristianismo é acusado de ser grosseiro e a bondade de Deus é contestada” (2021c, p. 158).

recuperados depois de uma breve estada no campo do Inimigo e agora estão conosco” (LEWIS, 2017a, p. 21). O que o demônio está afirmando é que, mesmo uma pessoa frequentando a igreja, graças a sua vontade livre e a responsabilidade pelas suas escolhas, ela pode perder a salvação e ser condenada ao Inferno.<sup>5</sup>

Além disso, Maldonado afirma, em outro momento, que Deus possui “uma fantasia curiosa de tornar todos esses repugnantes vermezinhas humanos naquilo que ele chama de seus amantes e servos ‘livres’” (LEWIS, 2017a, p. 23). Não apenas isso, mas, “justamente por deixar sua liberdade, ele se recusa a conduzi-los, pelas suas meras afeições e hábitos, a quaisquer dos objetivos que colocou diante deles: ele os deixa ‘fazer as coisas por si mesmos’” (p. 23). Então, em *Cartas de um Diabo a seu Aprendiz*, os seres humanos são criados com o Livre Arbítrio para realizar suas escolhas, todavia, eles se tornam responsáveis pelas consequências das mesmas.

Por fim, em 1945, C. S. Lewis escreve *The Great Divorce* [O grande divórcio] em resposta ao pensamento de William Blake (1757-1827) de que o Céu e o Inferno poderiam ter uma relação semelhante à de um matrimônio, moralmente falando. Todavia, Lewis pensava totalmente ao contrário, como explica Machado (2019, p. 60-61): “o mal não evolui para se tornar bem, a escolha pelo bem pode implicar deixar para trás ‘a mão direita e o olho direito’”.

O *Grande Divórcio* é tido por alguns como a maior obra teológica de Lewis (CLARK, 2012). Trata-se, novamente, de um sonho do narrador que representa o próprio Lewis (LEWIS, 2020, p. 155; WALLS, 2015, p. 315). Dessa vez a história começa no próprio Inferno, ou melhor, na Cidade Cinzenta, com a personagem de Lewis esperando numa fila por um ônibus que levará as almas condenadas para passar um dia no próprio Céu (LEWIS, 2020, p. 20, 34). Após chegar no Céu, os Fantasmas (almas condenadas ao Inferno) encontram-se com os salvos: vultos brilhantes chamados de Resplandecentes ou Espíritos (p. 38, 41).

---

<sup>5</sup> Algo parecido ocorre em outra obra de Lewis, *The Last Battle* [A última batalha] (1956). Em tal obra, a personagem Susana não aparece em Nárnia quando convocada, e Pedro, seu irmão, explica: “A minha irmã Susana [...] já não é mais amiga de Nárnia” (LEWIS, 2014, p. 159); e, por isso, não desfrutará da vida eterna na Verdadeira Nárnia (p. 209). Christin Ditchfield (2010, p. 234) apresenta um debate sobre o abandono de Susana ser definitivo ou temporário, citando, inclusive, que o autor responde para algumas crianças em suas cartas que sim, a decisão pode ter sido permanente (p. 234). Assim, esta poderia ser uma personagem que, como Maldonado descreve, passou algum tempo nos campos do Inimigo, ou seja, Deus, mas, graças ao Livre Arbítrio, abandonou o mesmo e decaiu da graça.

Após a confusão inicial com o Céu, Lewis encontra-se com o Espírito designado para ser seu guia nessa viagem espiritual: George MacDonald (LEWIS, 2020, p. 78). MacDonald explica que o que está acontecendo é que a personagem de Lewis está experimentando o *Refrigerium* (p. 80), palavra do Latim que significa “refresco” ou “refrescante” (Clark, 2012). O *Refrigerium* é a doutrina medieval que afirma que os condenados do Inferno podem experimentar um “alento na alma”, o “consolo das almas” reservado para aqueles que morreram “com pecados veniais e sem fazer penitência antes da morte” (DA SILVA, 2016, p. 110). Em resumo, trata-se da doutrina que diz que as almas do Inferno podem passar um tempo no Céu para se arrependem de seus pecados. É esta a doutrina que move o enredo da obra.

Além de explicar toda a situação para a personagem de Lewis, George MacDonald ainda explica sobre a doutrina do Livre Arbítrio, pois afirma que “todos os que estão no Inferno escolheram ir para lá. Sem essa escolha pessoal, o Inferno não existiria” (LEWIS, 2020, p. 87). O autor David Downing (2006, p. 85) afirma que o ponto central de *O Grande Divórcio* é a discussão sobre os horrores e as esperanças resultantes do Livre Arbítrio humano.

O estudioso de Lewis, David Clark (2012), defende alguns pontos sobre esta obra: 1) não trata-se do Céu, Inferno ou Purgatório, mas das escolhas humanas; 2) as personagens do romance têm a escolha de abraçar ou rejeitar a Deus e, conseqüentemente, o Céu; e 3) todas as escolhas humanas levam para o Céu ou o Inferno. Assim, percebe-se que esta é, dentre as três obras analisadas, aquela que mais preocupa-se com as conseqüências das escolhas humanas.

Logo, pode-se notar que o Livre Arbítrio é um tema recorrente nas três obras objeto de análise deste trabalho: 1) em *O Regresso do Peregrino*, o Livre Arbítrio é a causa da existência do Inferno e da condenação das almas; 2) em *Cartas de um Diabo a seu Aprendiz*, o Livre Arbítrio é algo que faz parte da natureza humana, pois Deus decidiu criar os homens dessa maneira; e 3) em *O Grande Divórcio*, é graças ao Livre Arbítrio que os homens podem escolher o bem ou o mal, o Céu ou o Inferno. A seguir, verificar-se-á como esta doutrina e estas conclusões aparecem nas obras técnicas e teológicas do próprio C. S. Lewis.

## 2. O LIVRE ARBÍTRIO NA TEOLOGIA DE LEWIS

Nas obras técnicas e teológicas que Lewis escreveu entre sua conversão e 1950, quando lançou *As Crônicas de Nárnia*, a temática do Livre Arbítrio aparece algumas vezes. Primeiramente, em *The Problem of Pain* [O problema da dor] (1940), ao discorrer sobre a doutrina da Queda,<sup>6</sup> Lewis (2021c, p. 91) afirma que ela só foi causada pelo homem graças ao “mau uso de seu livre-arbítrio”. Ao comentar sobre essa ideia de Lewis, Machado (2022, p. 99-100) defende que, no pensamento lewisiano, Deus concede o Livre Arbítrio ao homem e a existência do mal é a consequência do mau uso dessa liberdade, pois ela é utilizada em desconformidade com a vontade de Deus.

Também em 1940, Lewis lê para uma sociedade literária um texto que denominou *The Kappa Element in Romance*, que publicou, sete anos depois, com o título *On Stories* [Sobre histórias]. Em tal texto, o autor tece um comentário sobre a obra *Édipo Rei* (427 a.C.), de Sófocles (?), defendendo que, em tal peça de teatro, o destino e o Livre Arbítrio são colocados lado a lado na vida humana. Concluindo, por fim, que o Livre Arbítrio “é o *modus operandi* do destino” (LEWIS, 2018, p. 49).

Finalmente, em *Mere Christianity* [Cristianismo puro e simples], redigido a partir de palestras de rádio da década de 1940, Lewis também relaciona o Livre Arbítrio com a maldade no mundo. Para o autor, “um mundo de autômatos [...] dificilmente valeria a pena ser criado” (LEWIS, 2017b, p. 81), pois é somente a partir da vontade livre que o ser humano pode experimentar verdadeiramente o amor, a bondade e a alegria. Assim, sabendo disso, Deus criou os homens com Livre Arbítrio para que eles experimentassem realmente as consequências de suas ações, mesmo que isso possibilite a escolha do mal e, posteriormente, a condenação de suas almas.

Por fim, numa de suas cartas, datada de 20 de outubro de 1952 e endereçada à

---

<sup>6</sup> A doutrina da Queda estuda as consequências do pecado de Adão e Eva após Gênesis 3. O teólogo Louis Berkhof (2012, p. 205) elenca os principais pontos desta doutrina: 1) a transgressão como ato voluntário de Adão diante da tentação de Satanás; 2) a escravidão de Adão diante de seu estado pecaminoso; e 3) a corrupção e a culpa diante de Deus transmitida para todos os descendentes de Adão. Para Agostinho (2012, p. 593-594), trata-se do grande motivo de existir um castigo eterno no Inferno. Por fim, o próprio Lewis, em seu *Prefácio ao Paraíso Perdido* (1942), enquadra a Queda nos acontecimentos capazes de “ocasionar uma profunda e mais ou menos permanente mudança na história do mundo” (Lewis, 2024, p. 63). Aliás, Lewis resume tal doutrina da seguinte maneira: “simplesmente e exclusivamente desobediência – fazer o que lhe foi dito para não fazer; e ela decorre do orgulho – de se achar demasiado importante, esquecer qual o seu lugar, pensar ser Deus” (p. 127).

sua amiga Sra. Arnold, Lewis (2021a, p. 516-517) escreve:

Toda aquela questão calvinista – Livre Arbítrio e Predestinação – é, de acordo com a minha concepção, indiscutível, insolúvel. É claro (nós dizemos) que, se um homem se arrepende, Deus vai aceitá-lo. Ah, sim (eles dizem), mas o fato de seu arrependimento mostra que Deus já o tinha movido para fazer isso. Isso, de qualquer forma, nos deixa com o fato de que *em qualquer caso concreto* a questão nunca se levanta como uma questão prática. Mas suspeito que seja, na realidade, uma questão *sem sentido*. [...] Afinal de contas, quando estamos mais livres, é apenas com a liberdade que Deus nos deu: e quando a nossa vontade está maximamente influenciada pela Graça, ainda é a *nossa vontade*. E se o que a nossa vontade faz não é voluntário, e se “voluntário” não significa “livre”, do que é que estamos falando? Eu deixaria isso quieto. (grifo do autor).

Lewis coloca-se no grupo dos que não creem na doutrina da Predestinação, mas sim no Livre Arbítrio. É interessante notar que o autor cita o embate teológico envolvendo as ideias calvinistas. Nas *Institutas da Religião Cristã* (1536), no Capítulo II do Livro II, João Calvino (2006, p. 34), afirma que o homem está privado de sua vontade graças a servidão do pecado em que se encontra:

[...] dir-se-á que o homem é dotado de livre-arbítrio: não porque tenha livre escolha do bem e do mal, igualmente; ao contrário, porque age mal por vontade, não por efeito de coação. Por certo que isto soa muito bem. Mas, a que servia rotular com título tão pomposo coisa de tão reduzida importância? Excelente liberdade, sem dúvida, seria se com efeito o homem não fosse compelido pelo pecado a servi-lo, no entanto, é [...] escravo por querer [...], de sorte que a vontade lhe é mantida amarrada pelas peias do pecado.

É possível notar, a partir dos escritos teológicos de Lewis, que o mesmo discorda das ideias de João Calvino quanto à Predestinação e servidão da vontade ao pecado. Para Lewis, o Livre Arbítrio é real e faz parte da natureza humana. Além disso, defende que: 1) a Queda e, conseqüentemente, o pecado, só existem graças ao mau uso do Livre Arbítrio humano; 2) o Livre Arbítrio aparece em algumas obras literárias em franco diálogo com a ideia de destino; e 3) Deus concedeu o Livre Arbítrio aos homens para que eles pudessem experimentar verdadeiramente as alegrias e conseqüências de suas escolhas. Na próxima seção do artigo será discutido o pensamento de alguns autores com quem Lewis dialoga em suas obras no que diz respeito ao Livre Arbítrio.

### **3. O LIVRE ARBÍTRIO NO DIÁLOGO LITERÁRIO DE LEWIS**

Um dos principais autores de teologia com quem Lewis dialoga em suas ideias sobre o Livre Arbítrio é Agostinho de Hipona (354-430). Agostinho escreve, em sua obra *Livre Arbítrio* (395), a respeito da relação entre a mente humana e as paixões. Uma vez que, segundo o autor, a mente humana não se deixa ser escravizada por nada que esteja abaixo dela, como as paixões ou o desejo, então, quando ela segue alguma dessas coisas, não há outra motivação “a não ser a própria vontade e o livre-arbítrio” (AGOSTINHO, 1995, p. 52). Se o Livre Arbítrio é o responsável pela razão humana sucumbir diante das paixões carnis, então faz sentido para o autor que a resposta de Deus a isso seja: “Eu te castigo porque não usaste a tua vontade livre para aquilo que eu concedi a ti” (p. 75). Assim, para Agostinho, não há justiça por parte de Deus em condenar os homens por sucumbir diante das paixões ou recompensar os justos pelas boas ações (p. 75). Concluindo sua obra, Agostinho (p. 135) afirma três verdades: 1) Deus existe; 2) todos os bens vêm dele; e 3) “a vontade livre deve ser contada entre os bens recebidos de Deus”.<sup>7</sup>

George MacDonald (1824-1905) é outro autor cristão com quem Lewis parece dialogar em suas ideias sobre o Livre Arbítrio. MacDonald (2015), também defensor do Livre Arbítrio, afirma: “relations, truths, duties, are shown to the man away beyond him, that he may choose them, and be a child of God, choosing righteousness like him”,<sup>8</sup> segundo seu pensamento, caso o homem não possuísse vontade livre, não passaria de um animal santo. O autor também defende a ideia de que Deus concedeu o Livre Arbítrio aos homens para que eles experimentem as reais consequências de suas escolhas, pois, os homens podem escolher contrariar ou adequar-se a Sua vontade (2015).

Por fim, G. K. Chesterton (1874-1936), outro autor muito lido e apreciado por Lewis, possui em meio a seus escritos menções defendendo o Livre Arbítrio. Chesterton era crítico do determinismo, pois “os deterministas vêm para prender, não para libertar”, uma vez que “o calvinismo tirou a liberdade do homem, mas a deixou com Deus” (2020).

---

<sup>7</sup> Não é apenas nesta obra que Agostinho trata da Doutrina do Livre Arbítrio, pois em alguns trechos de sua obra *A Cidade de Deus* ele retoma esta ideia. No Capítulo IX do Livro V, “A presciência de Deus e a livre vontade do homem, contra a definição de Cícero” (Agostinho, 2014, p. 258-265), ele comenta sobre a relação entre o Livre Arbítrio e a presciência de Deus, afirmando: “nossa vontade pode tanto quanto Deus quis e soube de antemão o que poderia” (p. 263). Outros trechos interessantes estão nos Livros XIII, XXI, e XXII, em que o autor relaciona, novamente, o Livre Arbítrio com o pecado humano e a Doutrina da Queda (2012, p. 133, 597, 627).

<sup>8</sup> “Relações, verdades, deveres são apresentados ao homem diante dele, para que este possa escolhê-los e então ser um filho de Deus, escolhendo a justiça com ele” (Tradução nossa).

Numa discussão com R. B. Suthers (1870-1950), este afirmou que o Livre Arbítrio é uma loucura, pois ações livres e sem causa assemelham-se a ações de um lunático; mas Chesterton respondeu que Suther não entendia nada sobre Livre Arbítrio, e menos ainda sobre lunáticos (2020). Mais que uma verdade teológica, Chesterton enxergava o Livre Arbítrio com fascínio, pois, segundo ele, é somente graças a esta doutrina que a história humana torna-se interessante: graças ao elemento da vontade livre dos homens (2020).

Saindo do campo teológico e partindo para o ficcional, pode-se citar três obras literárias com as quais Lewis parece também dialogar. Em primeiro lugar, está *A divina comédia* (1472), de Dante Alighieri (1265-1361). Na obra *Purgatório*, a personagem de Virgílio explica para Dante qual a visão da personagem Beatriz sobre o Livre Arbítrio:

Este é o princípio que a razão sustenta/ Do vário nosso merecer, segundo/ que o mau ou bom amor rejeita ou alenta.  
Aqueles que indagaram mais a fundo/ Compreenderam a inata liberdade;/ Onde deram moral doutrina ao mundo.  
Então, posto que por necessidade/ surja qualquer amor que em vós se acende,/ De contê-lo está em vós a faculdade.  
Está é a virtude que Beatriz entende/ por 'livre-arbítrio', tu portanto o guarda/ para lembrá-lo quando ela te o emente (Alighieri, 2019, p. 119).

A segunda obra que merece destaque é *Paraíso Perdido* (1667), de John Milton (1608-1674). São, pelo menos, cinco trechos na obra em que o autor aborda a questão da vontade livre do homem: 1) “Formei-o judicioso, justo e livre, Quanto ele ter podia, eu dei-lhe tudo; Estava em seu poder, co mesmo arbítrio, Cair no crime ou ter-se virtude” (MILTON, 2018, p. 129); 2) “Deus criou-te perfeito em tua espécie; Mas imutável, não deu-te bondade, Mas conservá-la pôs em teu arbítrio; Fez-te livre; a vontade não tens presa Ao fado imoto, à precisão restrita” (p. 224); 3) “Porta-te firme; livremente mandas No arbítrio teu; em tua mão possuis Firmeza ou queda [...]” (p. 329); 4) “Justo ele é sábio em tudo, não obstara Que Satã investisse o senso do homem Capaz, por livre arbítrio e inteira força, De descobrir e repelir as astúcias De inimigo qualquer ou falso amigo” (p. 383); 5) “[...] Por meu decreto Não se fez necessária a queda sua, Nem seu livre querer foi compelido De modo algum: senhor de arbítrio próprio, Pôde muito a seu gosto encaminhar-se” (p. 384).

Por fim, citando novamente George MacDonald, Lewis dialoga com o autor na área

literária também, em especial em sua obra ficcional *Lilith* (1895). Numa das cenas do romance, a personagem principal questiona seu guia, o Sr. Corvo, sobre ser um agente de vontade livre, obtém a seguinte resposta: “um homem é tão livre quanto escolhe ser, nem um átomo sequer mais livre” (MACDONALD, 2021, p. 37). Em seguida, o Sr. Corvo ainda afirma que ninguém é capaz de obrigar o homem a ir contra sua própria vontade (p. 37).

Dessa forma, é possível notar como Lewis parece dialogar tanto com autores de teologia que dissertam sobre a Doutrina do Livre Arbítrio, como Agostinho, George MacDonald e Chesterton, quanto com obras fantásticas, como *A divina comédia*, *Paraíso perdido* e *Lilith*. Isso demonstra como o autor, a partir de suas leituras e vivências, desenvolveu sua doutrina da livre vontade, vindo a tornar-se defensor de tal doutrina e utilizando-a para explicar suas dúvidas a respeito da existência do mal e suas inquietações a respeito da condenação das almas no Inferno.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

C. S. Lewis, eternamente inquieto com a doutrina do Inferno e o destino das almas condenadas, encontrou as respostas para os questionamentos que possuía na Doutrina do Livre Arbítrio. Apesar do mesmo nunca ter entrado propriamente no debate entre Predestinação e Livre Arbítrio, tanto em sua correspondência quanto em seus escritos teológicos colocou-se ao lado dos defensores da vontade livre dos homens, entendendo que “a organização das ações humanas no universo contém esse princípio” (MARCOS, 2021, p. 41). Nas três obras analisadas nesta pesquisa, pode-se notar como Lewis realizou a transposição de sua crença no Livre Arbítrio para os universos ficcionais de sua fantasia.

Em primeiro lugar, em *O Regresso do Peregrino*, o Inferno existe graças ao Livre Arbítrio. Em *Cartas de um Diabo a seu Aprendiz*, o demônio escritor conforta seu sobrinho afirmando que sua vítima poderia decair da graça, pois a liberdade de escolha é algo da natureza humana. E em *O Grande Divórcio*, todas as escolhas das personagens giram em torno do Céu e do Inferno e do destino eterno das almas.

Esta doutrina encontra eco também da teologia do próprio autor, uma vez que, em

pelo menos três obras distintas, Lewis menciona e defende a existência do Livre Arbítrio, afirmando ser adepto de tal pensamento. Por fim, o pensamento de Lewis dialoga com o de alguns autores e obras consultados e apreciados pelo mesmo, e que o ajudaram a moldar sua teologia e visão de mundo.

Assim, é possível notar como C. S. Lewis utiliza-se de sua literatura ficcional para apresentar algumas de suas ideias teológicas de maneira que se tornem mais compreensíveis para seus leitores. Nesse caso, o apresentou sua crença no Livre Arbítrio nas três obras analisadas. Mas não apenas o Livre Arbítrio como outros temas da espiritualidade e teologia cristã podem ser encontrados nas obras de C. S. Lewis, pois, como o mesmo afirma: “a história e o sentimento cristão estavam entre as coisas sobre as quais a literatura poderia ser escrita e, reciprocamente, que a literatura era uma das maneiras pelas quais o sentimento cristão podia ser expresso” (2019, p. 21).

## 5. REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **A cidade de Deus: contra os pagãos: parte I.** 2. ed. Tradução de Oscar Paes Leme. São Paulo: Petrópolis, Vozes. Federação Agostiniana Brasileira; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2014. (Vozes de Bolso).

AGOSTINHO, Santo. **A cidade de Deus: contra os pagãos: parte II.** 2. ed. Tradução de Oscar Paes Leme. Petrópolis: Vozes. Federação Agostiniana Brasileira; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. (Vozes de Bolso).

AGOSTINHO, Santo. **O livre arbítrio.** Tradução de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1995. (Patrística).

ALIGHIERI, Dante. **A divina comédia: Purgatório.** Tradução de Ítalo Eugenio Mauro. 5. ed. . São Paulo: Editora 34, 2019.

BERKHOF, Louis. **Teologia sistemática.** Tradução de Antônio Coine. 4. ed. . São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

CALVINO, João. **As Institutas.** 2. ed. Tradução de Waldir Carvalho Luz. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. Volume 2.

CHESTERTON, G. K. **Ortodoxia.** Traduzido por Francisco Nunes. Jandira: Principis, 2020. E-book Kindle, 2896 KB.

CLARK, David G. C. S. **Lewis goes to Heaven: a guide to read The Great Divorce.** Hamden/CT: Winged Lion Press, 2012. E-book Kindle, 4231 KB.

DA SILVA, Wanderley Reis. O purgatório e seu nascimento no catolicismo popular brasileiro. **Revista Teológica**, n. 10, p. 107-119, 2016.

DITCHFIELD, Christin. **Descubra Nárnia: verdades em As Crônicas de Nárnia** de C. S. Lewis. Tradução de Hedy Maria Scheffer Silvado. Curitiba: Publicações Pão Diário. 2010.

DOWNING, David. C. S. **Lewis: o mais relutante dos convertidos.** Tradução de Almiro Pisetta e Fernando Dantas. São Paulo: Vida, 2006.

JASPER, David. “The Pilgrim’s Regress e Surprised by Joy”. In: MACSWAIN, Robert; WARD, Michael (Orgs.). C. S. **Lewis: além do universo mágico de Nárnia.** Tradução de Jeferson Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2015, p. 279-295.

LEWIS, C. S. **A última batalha.** Tradução de Silêda Steuernagel. 3ª Edição São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

LEWIS, C. S. **Cartas de C. S. Lewis.** Tradução de Gabriele Greggersen. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021a.

LEWIS, C. S. **Cartas de um Diabo a seu aprendiz.** Tradução de Gabriele Greggersen. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017a.

LEWIS, C. S. “Cristianismo e literatura”. In: LEWIS, C. S. **Reflexões cristãs.** Tradução de Francisco Nunes. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019, p. 21-36.

LEWIS, C. S. **Cristianismo puro e simples.** Tradução de Gabriele Greggersen. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017b.

LEWIS, C. S. **Milagres.** Tradução de Francisco Nunes. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021b.

LEWIS, C. S. **O grande divórcio.** Tradução de Elissamai Bauleo. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.

LEWIS, C. S. **O problema da dor.** Tradução de Francisco Nunes. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021c.

LEWIS, C. S. **O regresso do Peregrino.** Uma defesa alegórica do cristianismo, da razão e do romantismo. Tradução de Jorge Camargo. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil,

2022.

LEWIS, C. S. **Prefácio ao paraíso perdido**. Tradução de Guilherme Mazzafera. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2024.

LEWIS, C. S. “Sobre histórias”. In: LEWIS, C. S. **Sobre histórias**. Tradução de Francisco Nunes. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018, p. 31-57.

MACDONALD, George. **Lilith**: um romance. Tradução de José Fernando Cristófaló. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021.

MACDONALD, George. “Unspoken Sermons, Third Series”. In: MACDONALD, George. **Complete Works of George MacDonald**. Hastings, East Sussex: Delphi Publishing Ltd, 2015, n. p. (Delphi Classics). E-book Kindle, 31736 KB.

MACHADO, Diogo Miguel Mota Carmo Gonçalves. **Esperança, transposição e glória**: uma abordagem temática à Escatologia de Clive Staples Lewis. Dissertação (Mestrado Integrado em Teologia). Universidade Católica Portuguesa: Lisboa, 2019.

MACHADO, José Alex Maia. **A defesa do Teísmo em C. S. Lewis**. Dissertação (Mestrado Acadêmico). Universidade Federal de Ouro Preto: Ouro Preto/MG, 2022.

MARCOS, Wudson . A Teodiceia do livro 'O Problema do Sofrimento', de C. S. Lewis. Colloquim: **Revista Multidisciplinar de Teologia**, v. 6, p. 31-49, 2021.

MCGRATH, ALISTER E. *A vida de C. S. Lewis*: do ateísmo às terras de Nárnia. Tradução de Almiro Pisetta. São Paulo: Mundo Cristão, 2013.

MCGRATH, ALISTER E. **Deep Magic, dragons and talking mice**: how reading C. S. Lewis can change your life. London: Hodder & Stoughton, 2014. E-book Kindle, 675 KB.

MILTON, John. **Paraíso perdido**. Tradução de António José de Lima Leitão. São Paulo: Martin Claret, 2018.

PIPER, John. “C. S. Lewis. Racionalista Romântico: como os caminhos até Cristo moldaram sua vida e seu ministério”. In: MATHIS, David; PIPER, John (Orgs.). **O racionalista romântico**. Tradução de David Portela. Brasília, DF: Monergismo, 2017, p. 23-46.

RANGEL JUNIOR, José Luiz Coelho. **Metáfora e imaginação poética na obra crítica de C. S. Lewis**. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro: Departamento de Letras, 2020.

WALLS, Jerry L. “The Great Divorce”. In: MACSWAIN, Robert; WARD, Michael (Orgs.). **C. S. Lewis: além do universo mágico de Nárnia**. Tradução de Jeferson Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2015, p. 315-331.